

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JOÃO DA CONCEIÇÃO VIANA JUNIOR

A EDUCAÇÃO PARA AUTONOMIA EM IMMANUEL KANT E PAULO FREIRE

CURITIBA
2017

JOÃO DA CONCEIÇÃO VIANA JUNIOR

A EDUCAÇÃO PARA AUTONOMIA EM IMMANUEL KANT E PAULO FREIRE

Trabalho monográfico apresentado ao Curso de Especialização em Filosofia da Educação: Ética, Política e Educação da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para conclusão de curso.

Orientador: Prof. Dr. Delcio Junkes

CURITIBA
2017

TERMO DE APROVAÇÃO

JOÃO DA CONCEIÇÃO VIANA JUNIOR

A EDUCAÇÃO PARA AUTONOMIA EM IMMANUEL KANT E PAULO FREIRE

Trabalho final de curso aprovado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Filosofia da Educação, Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Banca avaliadora:

Assinatura:

Observações:

Prof. Dr. Delcio Junkes
(Orientador)

Data: ____/____/2017.

AGRADECIMENTOS

A Deus, autor e fonte de toda sabedoria. À minha família pela confiança e compreensão; Aos amigos Tiago Eurico de Lacerda e Rodrigo Basílio, pela amizade, força e incentivo constante no decorrer deste curso; aos colegas do curso que, a partir das trocas de experiências e dos diálogos filosóficos, possibilitaram um crescimento impar para meu crescimento acadêmico. Do mesmo modo, expresso minha gratidão ao Professor Delcio Junkes, pela orientação e palavras sábias de um grande amigo. A todos que acreditam que a educação é um caminho seguro para uma vida autônoma.

“A Educação enquanto formação humana é um esforço indiscutivelmente ético e estético. A Educação enquanto busca de boniteza necessariamente busca a decência do Ser.”

(Paulo Freire)

“O homem não pode tornar-se verdadeiro homem senão pela educação”.

(Immanuel Kant)

RESUMO

O presente trabalho visa compreender o conceito de autonomia em Paulo Freire e Immanuel Kant, bem como traçar algumas contribuições destes pensadores para uma educação autônoma. A metodologia da pesquisa caracteriza-se como do tipo descritiva, biográfica e qualitativa. A partir da análise de textos, comentários e produções acerca da proposta do trabalho obteve-se a compreensão do papel da educação na superação de heteronomias. O conceito de autonomia em Freire aparece num sentido sócio-político-pedagógico, no qual a educação voltada para o desenvolvimento crítico e ativo, é capaz de oferecer noções de responsabilidade e liberdade, assim a partir da tomada de consciência e de decisões, isto é, da práxis que leva à libertação, que é possível compreender a mudança de um sujeito passivo e heterônomo, para um sujeito ativo e autônomo. Em Immanuel Kant a autonomia é definida como independência da vontade em relação a qualquer desejo, no qual o homem, a partir do processo educacional que une lições de experiências e projetos da razão, supera a condição de uma vida menor, preguiçosa e covarde, e passa a servir-se do seu próprio entendimento, isto é, a autonomia de pensamento, da ação e da palavra. Os resultados da pesquisa evidenciaram a necessidade de superar uma educação técnica e mercadológica, pautada na subserviência e passividade, e a necessidade de uma educação que permita a formação humana na sua totalidade visando a autonomia.

Palavras-chave: Autonomia. Emancipação. Racionalidade. Educação.

ABSTRACT

The present work aims to understand the concept of autonomy in Paulo Freire and Immanuel Kant, as well as to draw some contributions of these thinkers to an autonomous education. The research methodology is characterized as descriptive, biographical and qualitative. From the analysis of texts, commentators and productions about the proposal of the work, we obtained the understanding of the role of education in overcoming heteronomies. The concept of autonomy in Freire appears in a socio-political-pedagogical sense, in which education focused on critical and active development, is capable of offering notions of responsibility and freedom, thus from the awareness and decisions, that is, of the praxis that leads to liberation, that it is possible to understand the change from a passive and heteronymous subject to an active and autonomous subject. In Immanuel Kant, autonomy is defined as independence of the will in relation to any desire, in which man, from the educational process that unites lessons of experiences and projects of reason, overcomes the condition of a minor, lazy and cowardly life, and he uses his own understanding, that is, the autonomy of thought, action and word. The results of the research evidenced the need to overcome a technical and marketing education, based on subservience and passivity, and the need for an education that allows human formation in its totality aiming at autonomy.

Keywords: Autonomy. Emancipation. Rationality. Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A EDUCAÇÃO PARA A AUTONOMIA KANT	11
2 A EDUCAÇÃO PARA A AUTONOMIA EM PAULO FREIRE	20
3 CONTRIBUIÇÕES DE FREIRE E KANT PARA UMA EDUCAÇÃO AUTÔNOMA	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

A autonomia se apresenta como um tema estritamente humano e pontuar algumas considerações sobre esta questão, é remontar às raízes da civilização, de modo que investigá-la permite compreender os seus passos e desenvolvimento, afinal ao longo da história o conceito de autonomia sofreu inúmeras alterações seja pelos anseios, necessidades ou por aprendizado que o homem passou a vivenciar. Assim o objetivo perseguido é o de apresentar a compreensão de autonomia para Freire e Kant, além de pontuar algumas provocações a fim de compreendermos de que maneira podemos, nos valer na sociedade contemporânea usufruindo dos mesmos conceitos ao retratarmos o processo educacional pautado na formação da totalidade do ser humano. Deste modo o trabalho está dividido em três capítulos.

No primeiro capítulo ousamos retratar o conceito de autonomia para Kant, veremos que para o filósofo o homem dotado de uma razão, age por dever, segundo o imperativo categórico, abandonando assim a condição heterônoma. Assim, para o filósofo é à medida que o homem se constrói a si mesmo guiado pela sua razão universal que ele pode ser autônomo. Notaremos que a educação, para o filósofo, tem um papel crucial quando se trata de autonomia, afinal é ela que une lições da experiência e os projetos da razão que permite superar a condição de menoridade.

Após retratarmos a concepção kantiana sobre autonomia, explanaremos no capítulo seguinte aspectos que retratem a compreensão de Paulo Freire, mostrando que o educador compreende este tema como um processo de liberdade, no qual, considera que esta ação libertadora não se dá isoladamente, uma vez que libertar-se do estado de opressão é uma ação social. Assim o homem entendido como ser social deverá partir do seu próprio meio para uma transformação e conscientização, para sair da opressão. Pontuaremos neste sentido a importância que o processo educacional, sobretudo a intervenção e mediação do educador, representa nesse processo de busca pela liberdade e autonomia.

Tendo aprimorado nossos conhecimentos sobre o conceito de autonomia freiriano e kantiano, abordaremos no capítulo final algumas questões acerca da formação do aluno, visto que inúmeras e constantes inovações tecnológicas ocorreram nos últimos anos, trazendo assim facilidades e rapidez, todavia este emaranhado de alterações permitiram um contexto de dependência, vícios e uma

condição de heteronomia. Assim a busca pelo esclarecimento, tal como postulado pelos pensadores, apresenta-se como algo cansativo, desvantajoso e de pouco interesse, de modo que a própria educação tida como precursora e norteadora da construção de uma reflexão crítica, tem encontrado dificuldades para que seus objetivos sejam alcançados.

Portanto, retornar a Freire e Kant e seus pensamentos acerca da autonomia, nos ajuda a compreender que estamos distantes da verdadeira educação para a autonomia, afinal os fatores externos tem fortalecido uma condição de dependência que tem limitado cada vez mais o alcance da real autonomia. Assim, a linha de pensamento que conduzirá as nossas reflexões neste trabalho monográfico não tem a pretensão de esgotar o tema ou tornar-se um tratado sobre o assunto, pelo contrário, quer ser apenas uma contribuição para aquilo que ao longo da história foi pensado por diversos autores.

1 A EDUCAÇÃO PARA A AUTONOMIA PARA KANT

O presente capítulo tem como objetivo destacar algumas considerações acerca do conceito de autonomia proposto por Immanuel Kant¹. Vale ressaltar que o filósofo alemão não foi estudioso ferrenho da educação, de modo que não escreveu um tratado sistemático de pedagogia, todavia é possível encontrar diferentes textos em que a educação aparece como tema norteador. Dentre eles é possível destacar *Über Pädagogik* ou, conforme a tradução, *Sobre a Pedagogia*², onde o filósofo aborda a educação e a moral, como parte do processo educacional para a autonomia³.

Logo na introdução da obra Kant afirma que “o ser humano é a única criatura que precisa ser educada” (KANT, 1996, p. 11), uma vez que “o homem não pode tornar-se verdadeiro homem senão pela educação” (KANT, 1996, p. 15). Estas afirmações confirmam que na visão do filósofo a educação exerce uma função crucial na vida humana (campo psicológico, social, biológico e histórico) de modo a constituir o próprio homem, assim a razão que nos difere de outros animais necessita do processo educacional logo nos primeiros anos de vida, para que ele exerça a orientação e a função de auxiliar o desenvolvimento adequado da razão.

A afirmação de que a razão é um dom dado ao homem pela natureza encontra sua explicação quanto Kant faz-nos ver que a natureza dotou o homem com um tipo especial de disposição, não encontrada em nenhum outro animal. Essa disposição é a razão, apenas encontrada nos homens. Segundo podemos perceber na sequência das afirmações de *Sobre a*

¹ Immanuel Kant nasceu em 1724 em Königsberg, cidade da Prússia Oriental de modesta família de artesãos. Depois de frequentar o severo *Collegium Fridericianum*, de inspiração pietista, em 1740 inscreveu-se na Universidade da cidade natal, onde frequentou cursos de ciências e de filosofia, terminando o ciclo de estudos em 1747. Em 1755 obteve a livre docência e entrou na Universidade de Königsberg, onde permaneceu até 1770, quando se tornou professor ordinário (...). Entre 1770 e 1781 dá-se o momento decisivo da formação de seu sistema: em 1781 saiu a primeira edição da *Crítica da razão pura* (a segunda em 1787), que foi seguida pela *Crítica da razão prática* (1788) e pela *Crítica do juízo* (1790). (...) Nos últimos anos tornou-se cego, perdeu a memória e lucidez. Morreu em 1804. (REALE, 2003, p. 347)

² *Sobre a Pedagogia* é resultado das preleções que Kant realizou na Universidade de Königsberg, respectivamente, no semestre de inverno de 1776-1777, no semestre de verão de 1780, no semestre de inverno de 1783-1784 e, finalmente, no semestre de inverno de 1786-1787. Foi publicado por Theodor Rink em 1804, sendo resultado de um conjunto de artigos resultantes dos cursos de Pedagogia ministrados pelo filósofo entre os anos 1776 e 1787. (PHILONENKO, 1966, p. 5)

³ Termo introduzido por Kant para designar a independência da vontade em relação a qualquer desejo ou objeto de desejo a sua capacidade de determinar-se em conformidade com uma lei própria, que é a da razão. Kant contrapõe a autonomia à heteronomia, que a vontade é determinada pelos objetos da faculdade de desejar. Os ideais morais de felicidade ou perfeição supõem a heteronomia da vontade porque supõem que ela seja determinada pelo desejo de alcançá-los e não por uma lei sua. A independência da vontade em relação a qualquer objeto desejado é a liberdade no sentido negativo, ao passo que a sua legislação própria (como a “razão prática”) é a liberdade no sentido positivo. (ABBAGNANO, 2007, p. 97).

pedagogia, a razão cumpre a tarefa de diferenciar o homem dos outros seres; entretanto, ela não vem acabada, pronta. É necessário um longo caminho para que a razão possa cumprir a totalidade de sua tarefa. Por isso, a educação ocupa um espaço tão importante em toda a filosofia de Kant, já que o mais importante fator diferencial do homem, a razão, necessita de um processo educacional para o seu desenvolvimento (PINHEIRO, 2007, p. 33).

Vale ressaltar que por educação entende-se cuidados, disciplina e instrução direcionados a humanos, assim esta questão merece um destaque importante na proposta de Kant, pois a educação é compreendida como um processo formativo que exige o uso livre da razão para de fato cumprir seu objetivo norteador, o de educar para a autonomia.

Um animal é já tudo mediante o instinto; uma razão alheia já cuidou de tudo o que precisa. O homem, porém, tem precisão de uma razão própria. Não tem instinto e tem de ser dotar de plano do seu comportamento. Mas, porque não está desde de logo em condições de o fazer, antes vem ao mundo em estado rude, assim outrem tem de o fazer por ele (KANT, 2006, p.95).

Logicamente não é uma tarefa fácil, pois uma vez que a formação compreende cuidados, disciplina e a instrução, é necessário que a disciplina imponha limites, de modo a submeter o discente aos preceitos da razão. Por isto a necessidade da educação, para que ao longo do seu processo educacional a criança não conserve sinais de selvageria e, ao mesmo tempo, passe a compreender que nem todos estão às suas ordens e nem tudo lhe pertence. “A disciplina é o que impede o homem de desviar-se de seu destino, de desviar-se da humanidade através de suas inclinações animais” (KANT, 2004, p. 12).

Por isso que Kant pondera a necessidade da educação iniciar logo cedo, para que a disciplina, através do uso da própria razão, faça com que a criança não use suas próprias forças de forma nociva, mas que transforme a animalidade em humanidade.

Os impulsos animais visam a autopreservação, a preservação da espécie e a preservação da capacidade de usufruir da vida; contra estes, o dever de um indivíduo consiste na coerência das máximas formais da vontade com a dignidade da humanidade. (CAYGILL,2000, p. 174).

Vale ressaltar que para Kant a pedagogia expressa um sujeito moral, que pressupõe que as formas de agir são sempre uma determinação do dever moral como parte da condição humana. Neste contexto percebe-se a importância da disciplina como forma de conter e impedir o homem de desviar-se da sua humanidade. Assim a disciplina narrada pelo filósofo é puramente negativa, pois visa

tirar do homem a sua selvageria, já a instrução, pelo contrário, é a parte positiva da educação, no qual submete o homem às leis da humanidade e começa a fazê-lo sentir a força das próprias leis.

A educação abrange os cuidados e a formação. Está é: 1. negativa, ou seja, disciplina, a qual impede os defeitos; 2. Positiva, isto é, instrução e direcionamento e, sob esse aspecto pertence: à cultura.” (KANT, 1996, p. 29).

Isto não quer dizer que a disciplina e a educação para autonomia não possam caminhar lado a lado, pelo contrário, ambas devem servir-se uma da outra de modo que o homem não se corrompa pelas suas inclinações sensíveis e pelos seus instintos animais, mas seja capaz de guiar a sua vontade racionalmente e assim possa ser autônomo. Neste contexto vale ressaltar que para o filósofo a autonomia é caracterizada como

A independência da vontade em relação a qualquer desejo ou objeto de desejo a sua capacidade de determinar-se em conformidade com uma lei própria, que é a da razão. Kant contrapõe a autonomia à heteronomia, que a vontade é determinada pelos objetos da faculdade de desejar. Os ideais morais de felicidade ou perfeição supõem a heteronomia da vontade porque supõem que ela seja determinada pelo desejo de alcançá-los e não por uma lei sua. A independência da vontade em relação a qualquer objeto desejado é a liberdade no sentido negativo, ao passo que a sua legislação própria (como a “razão prática”) é a liberdade no sentido positivo. (ABBAGNANO, 2007, p. 97).

Destarte, a disciplina traz o senso de liberdade e da própria vontade da criança, de modo que não promova um mero adestramento como se a criança fosse um escravo heterônomo e privado de escolhas. Assim vale ressaltar que a disciplina apresenta-se como necessária, porém uma educação para autonomia não se funda na disciplina, mas na compreensão de que o homem é livre e por isso ele pode ser educado. A disciplina apresenta-se como ferramenta que auxilie neste processo levando o homem a fazer da razão e a domar suas paixões.

A cultura da disciplina (*Disziplin*) é negativa e consiste na libertação da vontade em relação ao despotismo dos desejos, pelos quais nós nos prendemos a certas coisas da natureza e somos incapazes de escolher por nós mesmos, enquanto permitimos que os impulsos sirvam para nos prender, os quais a natureza nos forneceu como fios condutores para não descarmos em nós a determinação da animalidade ou não a ferirmos, já que somos até suficientemente livres para a atrair ou abandonar, prolongá-la ou encurtá-la, segundo aquilo que exigem os fins da razão (KANT, 2002, p. 272).

O filósofo ressalta a importância do processo disciplinar e educacional iniciarem cedo, uma vez que se torna mais difícil mudar depois de homem formado. Assim este processo deve iniciar na escola, quando as crianças apresentam sinais avessos como mordidas, gritos, brigas, quase nenhuma compreensão e entendimento entre elas mesmas. Neste âmbito a disciplina se apresenta como um suporte que serve para edificar a personalidade e a humanidade nelas, de modo que possam ficar sentadas e aos poucos passem a obedecer pontualmente àquilo que lhes é solicitado.

No espaço educacional vê-se inúmeros reforços que garantam uma disciplina duradoura, assim diferentes etapas de ensino permitem observar realidades distintas, por exemplo: na educação fundamental I – 2º ano, é preciso mais reforços e persistência que garantam que estejam em “ordem” para realizarem as atividades do período. Em contra partida, sem determinismo e generalizações, é possível compreender que alunos de séries mais avançadas tendem a ter mais disciplinas, pois comumente internalizaram os reforços. Assim é possível perceber a disciplina como um processo contínuo, gradual e divergente nas diferentes realidades. Que inicia-se com o simples, mas importante momento em que o aluno compreende que é preciso sentar. Por isso, as crianças vão à escola:

Não para que aí aprendam alguma coisa, mas para se acostumarem a ficar sentadas tranquilamente e a obedecer pontualmente o que lhes é mandado, a fim de que no futuro elas não sigam de fato e imediatamente cada um de seus caprichos. (QUINCEY, 1989, p.13).

Este feito é conquistado pelo costume e pelos preceitos da razão, que foram aprendidas pelos seus descendentes e faz parte das inclinações humanas, de modo que somente pela educação que o homem poderia se tornar um verdadeiro homem, caso contrário o homem não passaria de um selvagem que não sabe e não faz uso da disciplina e da educação, que é passada pelos seus antecedentes e que permite desenvolver qualidades.

Kant confere à natureza humana e a educação um significado ímpar, pois nelas há completudes para a espécie humana, assim é preciso uma educação que desenvolva no homem todas as suas disposições naturais e que ele atinja a sua destinação.

A educação é definida não no ponto de vista da sociedade, mas do ponto de vista do indivíduo: a formação do indivíduo, sua cultura, tornam-se o fim da educação, e também porque ela acontece em cada indivíduo e em cada contexto histórico. A definição de educação na tradição pedagógica do

Ocidente obedece inteiramente a essa exigência. E. é definida como formação do homem, amadurecimento do indivíduo, consecução da sua formação completa ou perfeita, etc.: portanto, como passagem gradual – semelhante à de uma planta mas livre – da potência ao ato dessa forma realizada (ABBAGNANO, 2000, p. 306).

O filósofo faz constantes afirmações e comparações entre o homem e os animais. Uma das observações pontuadas refere-se ao destino destas duas espécies: o animal cumpre seu destino espontaneamente e sem o saber, já o homem é obrigado a tentar conseguir o seu fim. Assim, a educação, arte concernente unicamente ao ser humano, é o maior e mais árduo problema que pode ser proposto aos homens, sendo exercida pelas gerações e deve desenvolver as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daquelas, e, assim, guiar toda a espécie humana a seu destino.

Kant concebe a educação como uma arte e não como um conhecimento, pelo fato de que, se fosse uma ciência, isto é, um conhecimento independente da experiência, então ou o homem não seria livre, ou a razão poderia chegar ao saber absoluto, que pertence a Deus. Isso significa dizer que, como a arte, a educação deve interrogar a natureza. E será justamente argumentando e perguntando sobre a natureza que a tarefa do educador deve ter início. Aquilo que é visado além da natureza, da temporalidade, é a liberdade. A ideia de liberdade impõe à educação a tarefa de analisar a passagem do estado de selvageria à condição de ser sociável. (PINHEIRO, 2007, p. 38).

Neste âmbito para que a educação cumpra o seu papel, é necessário que uma geração transmita suas experiências e seus conhecimentos à geração seguinte, de modo que submeta, a partir da racionalidade, sua natureza a normas, Assim “a natureza humana pode aproximar-se pouco a pouco do seu fim apenas através dos esforços das pessoas dotadas de generosas inclinações, as quase se interessam pelo bem da sociedade.” (KANT, 1996, p. 25).

Neste contexto Kant retrata o dever do homem na educação, no qual estabelece que o primeiro item a percorrer pelo homem refere-se a disciplina, que visa impedir que a animalidade prejudique o caráter humano, o segundo consiste em tornar-se culto, que abrange a instrução de vários conhecimentos e posse de habilidades para os fins que almejamos. O próximo ponto versa uma educação para que o homem se torne prudente (capacidade de usar bem e com proveito a habilidade própria), que ele permaneça em seu lugar na sociedade e que seja querido e tenha influência. O quarto item refere-se ao cuidado da moralização, no qual o homem seja capaz de escolher apenas os bons fins, podendo ser treinado e

mais do que isto, que aprendam a pensar, observando os princípios dos quais todas as ações derivam.

Assim, o filósofo ressalva que vivemos numa época de disciplina, de cultura e de civilização, mas ela ainda não é a da verdadeira moralidade. Neste sentido caracteriza-se a educação em dois períodos: a negativa, período que o constrangimento é mecânico, no qual a educação abrange a disciplina e o educando deve mostrar sujeição e obediência passivamente, e a positiva, onde o educando deve usar a sua reflexão e a sua liberdade, desde que compreenda que haverá sempre uma regra ou lei que o submete, aspecto pertencente à cultura e a moral.

Neste sentido Kant considera “que um dos maiores problemas da educação é o poder de conciliar a submissão ao constrangimento das leis com o exercício da liberdade” (KANT, 1996, p. 32). De tal modo se deve ter presente as seguintes regras: 1. É preciso dar liberdade à criança desde a primeira infância. 2. Deve-se mostrar que ela pode conseguir seus propósitos, com a condição de que permita aos demais conseguir os próprios. 3. O constrangimento para usar bem a liberdade.

Assim a pedagogia se divide em física e prática, a primeira no que diz respeito aos cuidados com a vida corporal, já a segunda, é uma educação prática e é aquela que diz respeito à construção do homem, ou seja, à sua personalidade, assim é vista por si mesmo com um valor intrínseco, pois nela há a formação moral que diz respeito à inteira espécie humana. Assim a educação física consiste propriamente nos cuidados materiais prestados às crianças ou pelos pais, no qual há uma dependência de quem amamenta e que o alimento mais condizente à nutriz é o que faz gozar de melhor saúde.

Kant pondera que tudo aquilo que a educação deve fazer é impedir que as crianças cresçam muito delicadas. Isto é, ao querer que as crianças estejam habituadas a tudo e assim contribui-se para gerar o máximo de costumes possíveis, o que as torna menos livres, dependentes e, concomitantemente, heterônomas. Assim, para o filósofo a educação que une lições de experiência e os projetos da razão é uma educação que visa formar sujeitos autônomos. De modo que supere as noções de uma educação mecânica, sistemática, formal, de raciocínio puro, e compreende racionalidade como ponto de partida, capaz de levar o homem a seguir a lei universal.

A origem da arte da educação, assim como o seu progresso é ordenada sem plano conforme as circunstâncias, ou raciocinada. A arte da educação não é mecânica senão em certas oportunidades, no sentido de que

aprendemos por experiência se uma coisa é prejudicial ou útil ao homem. (KANT, 1996, p. 21)

Este processo é capaz de levar ao esclarecimento⁴ [Aufklärung]⁵ no qual o homem desvencilha-se de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado, e seja capaz de servir-se de seu próprio entendimento sem a tutela de outro, “o homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem.” (KANT, 2005c, p. 63-64), de modo que “a liberdade ou a independência de não ser coagido pela decisão de outrem é o único direito original pertencente a todos os homens em virtude de sua humanidade”. (KANT, 1991, p.185). Dessa forma, a luzes da razão, tal como proposto pelo iluminismo⁶, o homem seria capaz de libertar-se da condição heterônoma, isto é, abandonar os dogmas metafísicos e superstições religiosas, combater a ignorância, a obediência cega e se afastar de ideias preconcebidas.

Ouse saber, conforme elucida Kant. Desta forma haveria assim a superação de ideias, as quais estariam voltadas para a virtude, a igualdade e a razão, de modo que pudesse haver uma ascensão a um nível superior de cultura, educação e formação. Por isto ter acesso a maioria é penoso, perigoso e um ato de coragem, pois exige desapego a uma vida menor de condição cômoda, preguiçosa e covarde. Em contra partida a necessidade de servir-se do seu próprio entendimento, isto é, a autonomia de pensamento, da ação e da palavra. “Assim, são poucos os que conseguiram, pelo exercitar de seu próprio espírito, liberta-se dessa minoridade tendo ao mesmo tempo um andar seguro” (KANT, 2008, p. 2)

A centralidade da autonomia na filosofia prática de Kant aparece na relação entre o educador e o educando de modo que haja uma abertura ao diálogo e a afetividade que consolide uma boa relação entre ambos, e concomitante, o processo de aprendizagem e o exercício das regras⁷.

⁴ Kant trata desta temática em um texto publicado originalmente em dezembro de 1784, com o título original *Beantwortung zu der Frage: Was ist Aufklärung?* – Tradução para o português - Respostas a questão: O que é o esclarecimento?

⁵ O termo alemão usado por Kant é *Aufklärung*, como não é encontrado um termo em português que equivale satisfatoriamente, as traduções frequentemente utilizam os seguintes conceitos: iluminismo, ilustração, filosofia das luzes, época das luzes e esclarecimento.

⁶ Movimento intelectual e filosófico do século XVIII que tinha por pressuposto máximo a convicção inabalável nos poderes da razão (chamada de luz natural) e da ciência no processo de aperfeiçoamento moral do homem. (SCHOPKE, 2010, p. 133)

⁷ Segundo Kant, portanto, a obediência a uma dada regra no ser autônomo, se dá pela compreensão e concordância com sua validade universal (ditado pelas formulas no imperativo categórico) e não

Ora, não é preciso ir muito longe para ver o quanto o ponto de vista erudito, quando assumido como diretriz da ação do educador em sua relação ao educando, pode torná-lo na referência moral e pedagógica a formação das novas gerações. Sendo assim, um educador que possui a abertura intelectual para buscar construir o ponto de vista erudito não só poderá colocar-se acima de discursos e práticas pedagógicas grosseiras, como também terá a sensibilidade pedagógica necessária para enfrentar o grande desafio humano que é a arte de educar e de se deixar educar (DALBOSCO, 2011, p. 98).

É justamente neste sentido que a arte de educar necessita de educadores que apresentam-se como contínuos aperfeiçoadores que, com um esforço coerente e exemplar, propicia a posição ativa do educando no âmbito pedagógico, de modo que o discente possa construir por si os conteúdos de aprendizagem. Encontre motivação, referência moral e pedagógica no educador, e, sobretudo, a possibilidade de superar a condição de minoridade ao longo do processo educacional. Assim “[...] pensar por si mesmo não é uma conquista individual e solitária, mas sim influenciada pela condução de outros” (DALBOSCO, 2011, p. 98). Isto é, embora seja o próprio indivíduo que tenha que tomar a decisão final para sair da condição do presente, ele pode ser ajudado a encontrar um estado melhor, através dos direcionamentos, reforços e progressos para as diferentes áreas da sua vida e da humanidade.

(...) Um princípio de pedagogia, o qual os homens, que propõem planos para a arte de educar deveriam ter ante os olhos, que não devem educar as crianças segundo o presente estado da espécie humana, mas segundo um estado melhor, possível no futuro, isto é, segundo a ideia de humanidade e da sua inteira destinação. (KANT, 1996, p. 21)

Neste contexto que o educador cumpri o seu papel, quando se apresenta como guia e utiliza de cuidados pedagógicos que auxiliem a criança a ter controle sobre suas inclinações, a obedecer aos preceitos da razão para que ele possa ser autônomo e concomitante, possibilite uma transição mais adequada daquilo que são (condição de indivíduo-cultura) para o que podem ser – potencial, livre racional (cidadão-civilização e de humanidade-moralização).

Não se deve educar as crianças segundo o presente estado da espécie humana, mas segundo um estado melhor, possível no futuro, isto é, segundo a ideia de humanidade e de sua inteira destinação. [...] uma boa educação é justamente a fonte de todo bem neste mundo (KANT, 2006, 22-23).

Este processo de transição requer a superação da condição de subserviência e passividade, por isto o processo educacional ganha notoriedade e é visto pelo filósofo como arte e fonte de todo o bem, que necessita de um aperfeiçoamento constante, de modo que objetive, através do seu processo penoso, problemático e necessário, formar esse homem esclarecido, autônomo e produzir bons cidadãos.

Desta forma a educação não é vista como uma mera aquisição de conhecimentos, memorização de fórmulas, repetição de sistemas e conceitos expostos pelo educador, a educação que possibilita a aquisição da autonomia é a educação racional do homem, na qual é compreendida como auxiliadora capaz de ajudar o homem a desenvolver suas disposições para o bem.

Sabe-se da importância da educação na vida humana, seja no fazer, no saber e nas suas relações no mundo onde estamos inseridos. Assim, o espaço educacional deve ser local para o pleno desenvolvimento da criatividade e reflexão, onde atividades visam fortalecer, humanizar e reforçar o desenvolvimento íntegro da criança, bem como a concretude da cidadania. Em Kant a educação passa a ser compreendida não apenas como prática pedagógica, mas também como objeto de reflexão filosófica, uma vez que o homem é compreendido como ser que não nasce moral, mas torna-se moral, assim encontra auxílio necessário na educação, que está fortemente unida ao processo de formação do ser humano como ser ético.

Vale ressaltar que o processo educativo inclui a disciplina, cultura e civilização, afinal é através desta relação que o homem aprende a viver em sociedade, passa a controlar os seus impulsos e inclinações e a escolher moralmente, de forma digna e responsável, os fins da sua existência tendo uma vida feliz.

Após compreendermos o conceito de autonomia na ótica de Kant, nos dedicaremos no próximo capítulo a apresentar a compreensão de autonomia para o filósofo Immanuel Kant.

2 A EDUCAÇÃO PARA A AUTONOMIA EM PAULO FREIRE

O presente capítulo tem como objetivo aprofundar o tema da autonomia destacado pelo educador Paulo Freire⁸. A autonomia é questão central em diversas obras escritas pelo autor, sobretudo quando se fala em educação, visto que para Freire o homem não nasce homem, ele se forma homem pela educação, sendo esta fundamental nas suas relações com o outro, com o mundo e sobretudo consigo. Assim para Freire a autonomia se insere num sentido sócio-político-pedagógico, isto é, parte de uma construção conquistada a partir das vivências e de noções da liberdade e das tomadas de decisões. É a partir desta consciência e da intervenção que há uma mudança de um sujeito passivo e heterônomo, para um homem ativo e autônomo, capaz de pensar por si de forma livre seguindo a própria razão e, sobretudo, assumindo a existência na sua totalidade.

Por isto para Freire a autonomia se insere dentro de uma posição de luta no qual o sujeito ao assumir a sua presença no mundo, assumida também a sua responsabilidade ética, histórica, política e social, distanciando de um mero objeto condicionado, para ser protagonista e sujeito da História e da sua presença nela, “presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História” (FREIRE, 2007, p. 54). Neste sentido para Freire as noções de responsabilidade e liberdade provém de uma educação que vise formar para autonomia, isto é, uma educação que promova e assumida uma postura crítica, ativa, criativa e necessária para despertar, de forma respeitosa e dialógica, a construção de conhecimentos.

A concepção de autonomia está estritamente ligada ao processo educacional em Freire, já que “a educação é elemento constitutivo da pessoa e, portanto, deve estar presente desde o momento em que ela nasce, como meio e condição de formação, desenvolvimento, integração social e realização pessoal” (PEIXOTO, 2005, p.113). Além do mais vale ressaltar que é a partir do nascimento

⁸ Paulo Freire foi, com certeza, um dos nossos maiores educadores, entre os poucos que lograram reconhecimento internacional. Sua figura carismática provoca adesões, por vezes de caráter pré-crítico, em contraste com o que postulava sua pedagogia. Após sua morte, ocorrida em 1997, a uma maior distância, sua obra deverá ser objeto de análise mais isentas, evidenciando-se mais claramente o seu significado no nosso contexto. Qualquer que seja, porém, a avaliação a que se chegue, é irrecusável o reconhecimento de sua coerência na luta pela educação dos deserdados e oprimidos que no início do século XX, no contexto da “globalização neoliberal”, compõem a massa crescente dos excluídos. (SAVIANI, 2007, p. 333)

que se forma a inteligência, onde estímulos ou experiências exercem importantes influências sobre a criança. Descuidar desta etapa significa desperdiçar um imenso potencial humano.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei n. 8.069/1990, ordenamento legal que reitera a criança como sujeito de direitos, no artigo 53 referencia a contribuição da educação no desenvolvimento pleno da pessoa, na conquista da cidadania e na qualificação para o trabalho, destacando, ainda, aspectos fundamentais da educação, como política pública, quanto à necessidade de igualdade de condições para o acesso à escola pública. (ANDRADE, 2010, p. 23)

Uma educação para autonomia deve privilegiar a interação, sendo o educador fundamental neste processo. Assim, para Freire, a educação se materializa na relação entre professor e aluno, sobretudo pela referência que este primeiro assume ao conduzir a teoria e a prática pedagógica, tornando-se a corporeificação da palavra e tido como exemplo pelos alunos. Assim é necessário a constante avaliação da prática pedagógica buscando compreender se há de fato um processo dialógico e contínuo para a autonomia, capaz de oportunizar a formação de atitudes, desejos e propósitos com o intuito de possibilitar a construção do processo de ensino-aprendizagem. Portanto, tanto o debate quanto a ação do educador deve estar de acordo com posturas que respeitem a dignidade humana, isto é, que as discriminações deem espaços para o respeito às diferenças nas suas mais variadas formas.

O educador aparece como mediador do processo de educação a partir da comunicação e da dialogicidade, haja não apenas o debate sobre temas como democracia, cidadania e diversidade, mas que o próprio espaço onde se debata seja prática coerente dos aprendizados permitindo que a partir desta ação e da proposta apresentada por Freire, a de uma educação problematizadora e dialógica, haja condições para os educandos assumir gradativamente a sua autonomia, seja como aluno e posteriormente como no exercício da sua cidadania.

O que se pretende com o diálogo, em qualquer hipótese (seja em torno de um conhecimento científico e técnico, seja de um conhecimento 'experimental'), é a problematização do próprio conhecimento em sua indiscutível reação com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la (FREIRE, 1983b, p. 52).

Neste sentido é necessário ressaltar que embora o educador tenha uma importância singular na educação para autonomia, isto não confere o direito de

utilizar-se do autoritarismo para se sobrepor, afinal não há espaços para comunicação neste aspecto, mas apenas um monólogo, onde o educador aparece como detentor do conhecimento e de verdades inquestionáveis e imutáveis. Falar para os alunos como se fosse o portador da verdade é uma prática bancária, é preciso escutar e a partir da escuta aprender a falar com eles e não para eles. (cf. FREIRE, 2000a, p. 27)

Logo, para de fato promover, no educando a autonomia é fundamental que se respeite o processo educativo, isto é, os diversos momentos de sensibilização, de problematização, de debate e, sobretudo, do exercício da escuta, pois sem ela o processo educativo para autonomia estará comprometido, afinal o bom uso da palavra e da escuta promove exercício responsável e racional da liberdade. Vale ressaltar que ensinar exige rigor metodológico que não é uma tarefa fácil de ser conduzida porque requer procedimentos bem elaborados e constantes interações, além da experiência o professor deve utilizar de diversos estímulos para tirar o aluno da sua zona de conforto circunscrita no senso comum. Assim, a autoridade do professor deve suscitar o incentivo das relações justas, uma vez que a sala de aula é um espaço vivo e deve promover sempre o respeito, onde até mesmo a disciplina, tão usada no ambiente escolar para oprimir, ameaçar e punir, promova um exercício ético e necessário numa educação respeitosa e dialógica.

Assim sendo, Paulo Freire separa Educação bancária de Educação problematizadora. O que significam para ele essas duas categorias de educação? A educação bancária seria a educação própria da pedagogia dominante, um instrumento para alcançar e satisfazer os interesses da classe opressora, fazendo com que os educandos não percebam as situações que o cercam, impossibilitando-os de serem agentes da transformação.

A responsabilidade do professor, de que às vezes não nos damos conta, é sempre grande. A natureza mesma de sua prática eminentemente formadora, sublinha a maneira como a realiza. Sua presença na sala é de tal maneira exemplar que nenhum professor ou professora escapa ao juízo que dele ou dela fazem os alunos. (FREIRE, 1996, p.65)

O cenário apresentado por Freire de uma educação para autonomia se opõe ao ensino técnico-científico que, segundo o autor, não favorece a construção e a conquista da autonomia, pois não está atenta a formação do ser humano, uma vez que seu ensino-aprendizagem está voltado aos interesses da educação bancária,

onde a preocupação é meramente a de transferir conteúdos em um ensino tecnicista desconectado da realidade.

A concepção bancária, por fim, nega a realidade de devenir. Nega o homem como um ser de busca constante. Nega a sua vocação ontológica de ser mais. Nega as relações homem-mundo, fora das quais não se compreende nem o homem nem o mundo. Nega a criatividade do homem, submetendo-o a esquemas rígidos de pensamento. Nega o seu poder de admirar o mundo, de objetivá-lo, do qual resulta o seu ato transformador. Nega o homem como um ser de práxis. Imobiliza o dinâmico. Transforma o que está sendo no que é, e assim mata a vida. Desse modo, não pode esconder a sua ostensiva marca necrófila (FREIRE, 1997b, p. 14).

Assim, suas características reforçam a heteronomia, pois tratam os alunos como depósitos e receptores de conteúdos, do qual a relação educador-educando reduz-se a uma condição mecânica, onde professor é o sujeito, detentor do conhecimento, reproduzidor do saber e domesticador de ações, e o aluno, receptor e mero objeto passivo.

O educando se torna realmente educando quando e na medida em que conhece, ou vai conhecendo os conteúdos, os objetos cognoscíveis, e não na medida em que o educador vai depositando nele a descrição dos objetos ou dos conteúdos (FREIRE, 1996, p. 47).

Esta abordagem conduz a um conhecimento imposto, automatizado ou transmitido de forma repetitiva, condutas que cegam os alunos, que perdem a possibilidade de compreender os processos que permitiriam a construção de conhecimentos. As crianças não chegam a escola como lousas em branco e passivas, onde os professores escrevem as lições de civilização. É preciso partir de situações de dúvida, de conflitos, de investigações e de confrontos de situações problemáticas que surjam pelos próprios interesses dos alunos.

Neste sentido é preciso compreender que a escola é um lugar de ensinar a criança a compreender além dos conteúdos das disciplinas da grade curricular. É preciso que a escola assuma o papel de ensinar a viver no mundo atual, criando condições que estimulam, promovam e põem em prova a reflexão e o pensamento, a partir das suas experiências. Onde o professor, sendo um orientador/mediador, deve conectar os conteúdos do currículo com os interesses dos alunos, gerando estímulos para desenvolver e orientá-los, compreendendo-os como sujeitos ativos e participantes do aprendizado.

Assim, para o pensamento freiriano “(...) ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a produção ou a sua construção”

(FREIRE, 1998, p. 25). Por isso o autor aponta a necessidade de se resgatar, valorizar e fortalecer a educação para autonomia, que rompe com a concepção educativa heterônoma, baseada em monólogos, imposições, punições, castigos e em regras estabelecidas autoritariamente, para manter o controle da situação, ou ainda, que seja entregue ao aluno tudo “mastigadinho”, exigindo pouco dele e que seja poupado do que lhe causar esforço. É preciso, segundo o autor, almejar e alcançar objetivos preestabelecidos que levem em consideração as situações reais de experiência, situações que geram problemas e que possibilitam reflexão e pensamento investigador.

Dessa forma a educação autônoma deve propiciar e despertar a curiosidade e a criticidade nos alunos, de modo que o real significado do pensar, isto é, construir e reformular ideias, se deem pela constante observação e análise crítica, que põe à prova as ideias de tal modo que o envolva e gere a assimilação da realidade de forma autônoma e madura. Assim, “Pensar certo significa procurar descobrir e entender o que se acha mais escondido nas coisas e nos fatos que nós observamos e analisamos. (FREIRE, 2003b, p.77).

Sendo assim, a educação para autonomia leva em consideração a superação de conhecimentos que também foram superados ao longo do tempo, tendo como base que esta superação é constante e aberta a novas formas de criação e de possibilidade de recriar. Isto se dá a partir de indagações, do despertar da curiosidade e da constante pesquisa.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando e procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2013, p. 32).

Assim a pesquisa se apresenta como carro chefe, uma vez que ela exerce um papel crucial no ato de descobrir e reformular ideias. Se no primeiro momento ela pode aguçar a curiosidade e se apresentar de forma ingênua, características próprias do senso comum, pode também, a longo prazo, se transformar em curiosidade epistemológica, isto é, constituída de uma rigorosidade metódica. “[...] quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando ‘curiosidade epistemológica’, sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto.” (FREIRE, 2003, p.27).

Portanto, a superação de uma condição ingênua exige um esforço contínuo, de modo que a partir das indagações inquietantes haja a ruptura com o senso comum, assim se o homem é busca “não há homem fora da busca inquietante” (FREIRE, 1997b, p. 14). Neste âmbito que reside a principal questão da prática da educação para a autonomia, visto que esta superação requer sair de uma condição passiva, receptora e sem muita criticidade, para um envolvimento ativo, protagonista e crítico. Assim, não é possível conceber um ser autônomo sem criticidade, visto que a falta de criticidade leva a uma compreensão mais ingênua do mundo, característica própria do senso comum e de uma condição mais cômoda.

É justamente esta questão norteadora de Freire, uma educação problematizadora capaz de levar o indivíduo a libertação, e ao se libertar se faça autônomo. Neste modelo de Educação, os professores e alunos caminham e participam juntos do processo de educação, existindo nela o diálogo e a comunhão entre o educando e o educador.

Não há para mim, na diferença e na "distância" entre a ingenuidade e a criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação. A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se critica. Ao criticizar-se, tornando-se então, permito-me repetir, curiosidade epistemológica, metodicamente "rigorizando-se" na sua aproximação ao objeto, conota seus achados de maior exatidão (FREIRE, 1998, p. 31).

Assim através deste diálogo o professor irá mediar o processo de superação de conhecimentos, de modo que auxilie nesta transição de uma curiosidade espontânea para uma curiosidade epistemológica, em que o educando passará a estabelecer reflexões críticas sobre a prática e concomitante se tornará autônomo.

Antes de qualquer tentativa de discussão de técnicas, de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache “repousado” no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, re-conhecer. (FREIRE, 2007, p. 86)

Neste contexto, ao se libertar o educando se faz autônomo e este fato só é possível a partir da autoconfiguração responsável, isto é, sair de uma condição que limitava sua autonomia e distanciar das condições opressoras, de modo a se superar e se autodeterminar. Dessa forma a construção da autonomia passa pela conscientização, não meramente qualquer consciência ingênua, mas uma

conscientização crítica, do qual o educando tome consciência de sua realidade e também de si. A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica. (FREIRE, 2006, p. 30)

Neste contexto ao ter posse dessa consciência o homem buscará vencer as diversas opressões, determinações e manipulações que colocam em cheque seus direitos como a justiça, dignidade, igualdade e segurança. Todavia vale ressaltar que a pedagogia defendida por Freire está calcada na prática da liberdade no qual o oprimido possa encontrar condições, a partir das suas reflexões, para descobrir-se e conquistar-se como sujeito da sua própria história. Eis a definição que o professor Ernani Maria Fiori apresenta ao prefaciá-lo livro *Pedagogia do Oprimido*.

Talvez seja este o sentido mais exato da alfabetização: aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se. Por isto, a pedagogia de Paulo Freire, sendo método de alfabetização, tem como ideia animadora toda a amplitude humana da “educação como prática da liberdade. (FREIRE, 1974, p. 5)

O diálogo é uma relação horizontal entre educadores e educandos, é por meio do diálogo que todos se comunicam, sem que haja uma situação de superioridade e inferioridade, mas sim, que todos se sintam iguais, assim “o diálogo fenomeniza e historiciza a essencial intersubjetividade humana; ele é relacional e, nele, ninguém tem iniciativa absoluta”. (FIORI, 1983, p. 9). Por conseguinte o ponto chave da pedagogia de Paulo Freire é conscientização. É através dela que o homem chega ao conhecimento de si próprio, como sujeito da realidade, pois, o homem sendo considerado um ser de práxis, através da conscientização, é capaz de chegar a uma ação reflexiva e, mais do que isto, permite a escolha, a liberdade e decisão de ser autônomo.

A conscientização é, neste sentido, um teste da realidade. Quanto mais conscientização, mais se desvela a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo. Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em ‘estar frente à realidade’ assumindo uma posição falsamente intelectual. (FREIRE, 1979, p. 15).

Portanto “não se pode existir fora da ‘práxis, ou melhor, sem ato ação-reflexão”. (FREIRE, 1980, p. 26) Uma vez que uma educação para a práxi é uma educação para a autonomia, capaz de se conectar com a realidade que impõe

inúmeros desafios, são estes desafios que mudam a realidade e o próprio homem que vai sendo construído ao longo destas experiências. Deste modo, a educação, ajuda a pensar os vários tipos de homens e a criá-los, por meio do passar de uns para os outros, o saber que os transformam e os constituem.

Por isso, a educação participa do processo de produção, de crenças e ideias do homem. Conforme retratado por Freire, uma educação autônoma favorece o diálogo, a construção do saber, o conhecimento mediado, parte de uma práxi e está inserida em desafios que exigem comprometimento e eticidade por parte do educando e do educador. Neste sentido o aluno que experimenta e descobre o mundo de forma autônoma, aprendendo a lidar com contextos difíceis e desafiadores, sendo o docente seu mediador, que não apenas exponha o conhecimento que já tem, mas conduz o aluno ao aprendizado por meio da experiência.

Após compreendermos o conceito de autonomia na ótica do educador Paulo Freire, nos dedicaremos no próximo capítulo a apresentar algumas contribuições referente a este conceito na ótica de Paulo Freire e Immanuel Kant para a educação atual.

3 CONTRIBUIÇÕES DE FREIRE E KANT PARA UMA EDUCAÇÃO AUTÔNOMA

Como vimos ao longo dos capítulos anteriores Paulo Freire e Immanuel Kant formularam e caracterizaram um conceito de autonomia e ao mesmo tempo identificaram a concepção de heteronomia, trazendo considerações importantes para uma educação para além do seu tempo. Vale ressaltar que o pensamento e as contribuições de Freire e Kant para uma educação autônoma estão inseridos em contextos históricos de suas épocas e por isto é necessário cuidado e responsabilidade ao trazê-los para atualidade. Neste sentido a proposta é dialogar com o pensamento e conceitos freiriano e kantiano de modo a trazer elementos sobre esta temática para traçar algumas provocações para uma educação autônoma na atualidade.

Ambos pensadores tem confluências e dissonâncias acerca do conceito de autonomia, assim é fundamental levarmos em consideração esta realidade de modo a compreendê-los sem tratá-los como opostos ou melhor e pior, mas como saberes que se somam quando buscamos abordar algumas contribuições para a educação que vise superar as heteronomias do nosso tempo.

Tempo este que propiciou uma série de inovações e de transformações em nossa sociedade influenciados pelo desenvolvimento crescente da tecnologia. Assim a diversidade de equipamentos conectados em escalas jamais vistas, possibilitou rapidez, agilidade e ampliou a compreensão de espaço e tempo, trazendo alterações que vão desde o modo como nos comunicamos até como nos relacionamos com os outros. Neste sentido estas inovações tecnológicas apresentam-se como ambivalentes, pois embora trouxeram inúmeras facilidades e ampliaram significativamente nossa compreensão de mundo, estes recursos podem comprometer o desempenho e o desenvolvimento crítico e reflexivo, se não forem bem administrados, sobretudo quando remetidos ao processo educacional.

Diante dos objetivos educacionais, a escola tem encontrado dificuldades para cumprir o seu papel, visto a dependência constante dos aparelhos tecnológicos oriundos da oferta de diversos recursos disponíveis nestes aparelhos, de modo que os discentes tem dedicado maior tempo realizando atividades online. Deste modo, se quase tudo está ao alcance de um toque, este feito pode permitir alguns questionamentos acerca do papel e das consequências que as novas tecnologias

passam a ter e a ocasionar, sobretudo quando retratamos de um processo educacional para autonomia conforme proposto por Freire e Kant

Vale ressaltar que o conceito de autonomia para Kant tem como pano de fundo o iluminismo, movimento de renovação filosófica e intelectual que ganhou forças no século XVIII, que compreendia a razão como fonte de inúmeras virtudes capazes direcionar a humanidade a soluções dos seus problemas e ao mesmo tempo garantir um conhecimento seguro pautado na ciência, de modo a estabelecer o progresso e combater a ignorância, o misticismo e os dogmas.

Filosofia das Luzes, Esclarecimento ou Ilustração. Movimento intelectual e filosófico do século XVIII que tinha por pressuposto máximo a convicção inabalável nos poderes da razão (chamada de luz natural) e a da ciência no processo de aperfeiçoamento moral do homem. [...] Trata-se de um movimento que encontra sua força maior na França revolucionária. Nomes como os de Voltaire, Rousseau, Diderot, D'Alembert e o Barão de Holbach, os chamados enciclopedistas (que desejavam sintetizar todo o sentimento humano, de modo que ele servisse de base ao "novo homem"), estão entre os grandes nomes do Iluminismo. (SCHOPKE, 2010, p. 133).

Assim a compreensão iluminista, de que as inúmeras virtudes da razão deveriam orientar a humanidade, ganharam notoriedade em Kant e foi fundamental para o desenvolvimento da sociedade e da educação desde a modernidade. Embora com algumas ressalvas sobre a concepção de racionalidade e autonomia entre Kant e os iluministas é possível compreender a influência deste movimento na construção do pensamento do filósofo.

Kant pondera a necessidade de uma educação que forme para uma vida racional, assim o homem ligado a selvageria necessita controlar os seus impulsos e inclinações naturais, objetivo que só se concretiza a partir da educação. Por isto o processo formativo exerce a função de lapidar e auxiliar o desenvolvimento adequado da razão, de modo que esta educação racional possibilite a autonomia. Assim servindo desta autonomia a criança possa aprender a servir-se do seu próprio entendimento, isto é, pensar por si mesmo e ser construtor da lei universal.

Deste modo as mudanças tecnológicas e o mundo globalizado trouxe consigo inúmeras possibilidades, entre elas o fácil e rápido acesso a informações e conexões interativas em larga escala. "Assim a sociedade vive visualmente dirigida, onde se torna notório que as novas tecnologias têm influenciado o comportamento das crianças e jovens que se encontram na idade escolar" (SOUZA, 2008). Neste âmbito é importante compreendermos se estas ferramentas trouxeram consigo

possibilidades para o desenvolvimento autônomo ou se estas facilidades tem conduzido a uma condição heterônoma, tal como postulado por Kant.

Nas salas de aulas, nos espaços de lazer, em diferentes ambientes sociais, em diferentes idades e estágios, é possível observar condições de dependência e de heteronomia, exatamente o contrário do que Kant ponderou, pois tudo que exige pensamento crítico e rigidez, é visto como difícil e desafiador, afinal a sempre um meio de facilitar, transferir responsabilidades e servir-se de uma obediência cega.

Kant argumenta a necessidade de se resgatar uma educação rígida que fortifique o corpo e que nos afasta das comodidades, uma educação capaz de instruir, formar o indivíduo, exercer a orientação e a função de auxiliar o desenvolvimento adequado da razão e levar o indivíduo a compreender a vivência em comunidade. Entretanto vê-se quão distante a sociedade está desta educação rígida, no qual crianças, jovens e adultos dependentes da tecnologia fugaz que pouco favorece o fortalecimento do corpo.

Neste contexto não há dúvidas que as pessoas precisam ser educadas para a convivência. Afinal quando seus objetivos são alcançados ela é capaz de fazer a descoberta do outro como “um outro eu”. Vale ressaltar que ao ser questionado se vivia em época esclarecida, o filósofo ponderou que não, tal questão também nos faz questionar o momento atual que estamos inseridos.

Não, vivemos em uma época de esclarecimento. Falta ainda muito para que os homens, nas condições atuais, tomados em conjunto, estejam já numa situação, ou possam ser colocados nela, na qual em matéria religiosa seja capazes de fazer uso seguro e bom de seu próprio entendimento sem serem dirigidos por outrem. Somente temos claros indícios de que lhes foi aberto o campo no qual podem lançar-se livremente e trabalhar e tornarem progressivamente menores os obstáculos ao esclarecimento geral ou à saída deles, homens, de sua minoridade, da qual são culpados. (KANT, 1985, p. 112).

Mesmo na educação que deveria ser o “carro chefe” desta experiência, é comum que seja entregue ao aluno tudo “mastigadinho”, que exija pouco dele e que seja poupado do que lhe causar esforço. Assim o conhecimento se apresenta pronto para ser memorizado, organizado em fórmulas e meros conceitos fragmentados. Kant pondera que é necessário a construção de diálogos e de perguntas oportunas que exercitem o desenvolvimento do pensamento autônomo, este método Kant denominou de “erotético”.

Este método erotético é, por seu turno, dividido no método do diálogo e naquele da catequese, em função do mestre dirigir suas questões à razão do aluno ou simplesmente à memória deste, pois se o mestre quer questionar a razão de seu aluno, precisa fazê-lo num diálogo no qual mestre e aluno se dirigem perguntas cada um por seu turno. O mestre, através de suas perguntas, norteia o curso de pensamento do seu jovem aluno, meramente lhe apresentando casos em que sua predisposição para certos conceitos se desenvolverá (o mestre é a parteira das ideias do aluno). O aluno, que assim compreende que ele próprio é capaz de pensar, reage mediante questões suas em torno de obscuridades nas proposições admitidas ou acerca de suas dúvidas relativas a elas, proporcionando assim ensejos para que o próprio mestre aprenda a interrogar habilmente, conforme o dito docendo discimus” (KANT, 2003, p. 320)

Neste contexto muitos filhos permanecem no estado infantil de aprendizagem, no qual hábitos realmente valiosos, como o sono, são desconsiderados, o que compromete diretamente as funções corporais. Assim a própria sociedade e os indivíduos que a compõe institui seus tutores, seja os meios de comunicação, a religião, a moda, a tecnologia, representantes políticos, enfim, àqueles em que possa transferir a responsabilidade, de modo a postergar, transferir e desprezar o que lhe compete. Este instantâneo comodismo hodierno tem adiado não apenas as responsabilidades, mas a própria condição de servir-se do seu próprio entendimento, de agir como sujeitos livres, conscientes e com capacidade crítica.

Na escola, a aula é a forma predominante de organização do processo de ensino. Na aula se criam, se desenvolvem e se transformam as condições necessárias para que os alunos assimilem conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções e, assim, desenvolvem suas capacidades cognitivas. (LIBANEO, 1994, p.177)

A autonomia é importante para entendermos que muitas coisas não precisam ser ditas para que sejam realizadas, todavia este grau de compreensão parte de reflexões e orientações, no qual os constantes reforços educacionais permitem que haja a interiorização e os devidos esclarecimentos, isto é, quando a capacidade racional passa a ser compreendida como expressão da maioridade. É neste sentido que a educação cumpre o seu papel, quando orienta e auxilia o sujeito a superar as condições de heteronomia e a agir pelo comando da sua própria razão, de modo que este comando se torne algo de dever, de necessário a ser feito.

O homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação faz dele. (...) Se um ser de natureza superior tomasse cuidado de nossa educação, ver-se-ia, então, o que poderíamos nos tornar. (KANT, 2011, p. 15).

Diante dos objetivos educacionais, a escola tem encontrado dificuldades para cumprir o seu papel, visto que cada vez mais há uma dependência dos aparelhos tecnológicos. Estes meios ofertam de diversos recursos, de modo que os discentes têm dedicado maior tempo realizando atividades aleatórias ou de cópias da internet. Deste modo, se quase tudo está ao alcance de um toque, este feito pode permitir alguns questionamentos acerca do papel e das consequências que as novas tecnologias passam a ter e a ocasionar, sobretudo quando tratamos de um processo educacional para autonomia conforme proposto por Freire e Kant. “A educação deve planejar e decidir que tipo de sociedade e de homem se quer e, em consequência disto, ela deve decidir que tipo de ação educacional é necessária para alcançar seu objetivo”. (GANDIN, 1995, p. 45)

Só é possível conceber uma educação para autonomia se os professores que estão a frente deste processo tiverem maturidade e uma formação sólida, afinal este processo se caracteriza por reforços constantes, orientações adequadas, aplicação da disciplina e auxílio no desenvolvimento racional.

Assim é necessário que estes profissionais possam buscar capacitações, visto que muitas vezes, a formação acadêmica não oferece direções necessárias a estes desafios. Neste sentido para cumprir com êxito o direito fundamental da espécie humana, a educação, é crucial que os profissionais da educação não menosprezem a disciplina e o caráter formativo do educando. Uma vez que estamos diante de uma geração.

É através de uma formação sólida e contínua que o professor poderá compreender as diferentes transformações que vem ocorrendo em nossa sociedade, de modo que o professor, visto como agente de transformação, necessita de constantes atualizações sobre sua prática e o meio que está inserido. Este processo formativo é sempre uma construção de saberes e ideias que irão auxiliar o docente a encontrar caminhos para o bom desenvolvimento da sua prática pedagógica voltada ao desenvolvimento da autonomia, que cada vez necessita de embasamentos e aprofundamentos teórico-práticos. Conforme Ferreira (2001, p.22) “Sem dúvida, um dos mais importantes objetivos da educação é contribuir para o desenvolvimento da autonomia, ajudar os alunos a se tornarem moral e intelectualmente livres, aptos a pensar e agir de forma independente.”

A formação sólida do docente permite a reflexão para que haja o cuidado no direcionamento das atividades, de modo que assegure o desenvolvimento racional e

autônomo dos alunos, para tanto o professor deve servir-se de diálogos, da disciplina e instrução. Assim, tal como ponderado por Freire, o homem, entendido como ser social, deverá servir do seu próprio meio para uma transformação e conscientização, para assim sair da opressão. É justamente neste sentido que a formação sólida e a proposta freiriana se cruzam, afinal é necessário que o educador, que está à frente do processo educacional, tenha cuidado nos direcionamentos das atividades educacionais, de modo que não reproduza condições de heteronomia.

As diversas observações pontuadas pelo educador Paulo Freire contribuem significativamente para a compreensão atual do sistema educacional, social e político, seus pensamentos ecoam em diferentes espaços e certamente permitem uma leitura impar sobre questões locais e universais. Assim o pensamento freiriano suscita uma escola que se atente para que as injustiças, as desigualdades sociais e discriminações não sejam reforçados no processo educacional, mas que, através da prática pedagógica, a educação funcione como instrumento para mudanças.

A prática educativa em nossa sociedade, através do processo de transmissão e assimilação ativa de conhecimento e habilidades, deve ter em vista a preparação de crianças e jovens para uma compreensão mais ampla da realidade social, para que essas crianças e jovens se tornem agentes ativos de transformação dessa realidade. (LIBANEO, 1994, p.151)

Sendo assim o espaço escolar é um local onde o processo educacional deve preconizar o diálogo, a liberdade e a dignidade humana, fazendo um movimento dialético do seu papel e o da sociedade, dado a sua influência à vida humana e a importância para um mundo melhor.

Uma das primordiais tarefas da pedagogia crítica radical libertadora é trabalhar a legitimidade do sonho ético político da superação da realidade injusta. É trabalhar a genuinidade desta luta e a possibilidade de mudar, vale dizer, é trabalhar contra a força da ideologia fatalista dominante, que estimula a imobilidade dos oprimidos e sua acomodação à realidade injusta, necessária ao movimento dos dominadores. É defender uma prática docente em que o ensino rigoroso dos conteúdos jamais se faça de forma fria, mecânica e mentirosamente neutra. (FREIRE, 2000, p. 26)

Assim suas influências teóricas e práticas ganharam proporções inimagináveis em diversos e distantes lugares, tendo como pano de fundo sua obra *Pedagogia do Oprimido*, na qual o autor discute o processo de desumanização causada pelo opressor a seus oprimidos. Freire analisa este processo de liberdade, no qual, considera que esta ação libertadora não se dá isoladamente, uma vez que libertar-se do estado de opressão é uma ação social.

Neste âmbito a educação, sobretudo a partir da intervenção e mediação do educador, tem papel importante no processo de busca pela liberdade. Sendo assim a utilização de recompensas, punições e imposições, não são ações que conduzirão a uma educação problematizadora e muito menos autônoma. Afinal a imposição de pensamento e de ações reproduzem uma condição de autoritarismo e submissão, onde o professor apresenta-se como detentor do conhecimento e utiliza deste espaço para se sobrepor.

O pensamento freiriano parte da vivência do autor e a partir dela constrói seu pensamento, que não deve ser descontextualizado e corrompido por *doxas* infundadas. Assim a desconstrução de preconceitos é crucial para compreender a notoriedade e pertinência do pensamento de Freire à sociedade. Atualmente a *Pedagogia do Oprimido* é uma obra clássica na educação, no qual encontramos uma extensão do pensamento freiriano, bem como sua visão de ser humano e de mundo, que está ligada a uma opressão posta como natural e como modelo de seres humanos bem-sucedidos.

É inegável a importância de Freire e Kant para questionamentos hodiernos. Afinal seja na compreensão do educador Paulo Freire ou do filósofo Immanuel Kant, a proposta de uma educação para autonomia põe fim ao conformismo e dá espaço para o exercício da racionalidade e emancipação, apresentando assim como cruciais para o desenvolvimento e progresso da sociedade.

Sendo assim os desafios educacionais atuais para autonomia são extensos, sobretudo quando levamos em consideração o conjunto de mudanças ocorridas nas últimas décadas. Neste sentido é preciso compreender que a escola se insere num mundo globalizado, alimentado por inovações constantes e avanços em diferentes áreas, assim é necessário avaliarmos a ambivalência destes resultados, de modo que o desenvolvimento da autonomia, seja assegurado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paulo Freire e Immanuel Kant apresentam-se como dois autores que refletiram sobre o conceito de autonomia, cada qual no seu tempo, no devido contexto histórico, com confluências e dissonâncias entre si, mas que propuseram e procuraram indicar caminhos que pudessem auxiliar o homem a se libertar da condição heterônoma. Assim ambos autores compreenderam a importância e a influência da educação para a vida humana, reconhecendo-a como a única fonte, através de uma formação de conscientização, capaz de direcionar o homem a compreender o seu papel na sociedade enquanto sujeito autônomo.

Todavia as constantes mudanças hodiernas trouxeram significativas alterações à vida em sociedade e concomitante à escola, que é um espaço vivo, reflexo e extensão do contexto social. Assim o processo educacional deve estar atento às mudanças que ocorrem no espaço social, permitindo que debates em torno de questões educacionais na atualidade sejam frequentes, tendo sempre em vista que estas transformações devem cooperar para que os objetivos e demandas educacionais sejam alcançados.

Neste contexto o pensamento freiriano e kantiano emerge como apoio impar para a compreensão de uma educação para autonomia na atualidade. Neste sentido a pesquisa possibilitou retomar algumas considerações de ambos autores, cumprindo o objetivo deste trabalho, o de reunir elementos significativos do conceito de autonomia para Paulo Freire e Immanuel Kant, levando em consideração, tal como postulado ao longo deste trabalho, o papel educacional na busca de uma vida autônoma.

Precisamos cultivar este modo de se alcançar uma vida autônoma, que está escassa em nossa sociedade contemporânea. Afinal vivemos em um mundo que evoluiu numa velocidade espantosa, onde a sociedade. Esta procura por medidas ideais e satisfação social, encontra-se escravizada pelo fácil, rápido e menos trabalhoso, propiciando assim, cada vez mais, inúmeras condições de heteronomia.

Entretanto mesmo com todos os desafios atuais, ainda é tempo de resgatar o verdadeiro sentido de uma vida autônoma. Pela leitura que fizemos compreendemos que o conceito de autonomia para Freire e Kant possuem algo em comum quando o assunto é sistema de conscientização do homem que se dá através da educação, assim o pensamento dos autores é de grande valor e auxílio

para nossa sociedade marcada pela dependência e pela transferência de responsabilidades a outrem. Deste modo, discutir autonomia significa refletir sobre o que é importante na vida, significa avaliar até que ponto as nossas escolhas tem conduzido à criação de condições adequadas para uma vida autônoma. Vamos arriscar ir contra as condições de heteronomia atuais de viver e lançar-se na busca pela verdadeira autonomia.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- AGUINO, Julio Groppa. (org.) Indisciplina na escola: alternativas teóricas e praticas. 4ª ed. São Paulo: Summus editorial. 1996.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. Filosofando: Introdução à filosofia. - 4.ed. São Paulo: Moderna, 2009.
- CAYGILL, Howard. Dicionário Kant. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- CHRISTINO, Raquel Rosan. Piaget e Kant: Uma comparação do conceito de autonomia. Vol. III. São Paulo: Nuances, 1997.
- DALBOSCO, Claudio. Kant e a Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- DEWEY, John. Experiência e Educação. Tradução de Renata Gaspar. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010. (Coleção de Textos Fundantes de Educação).
- FERREIRA, Sueli. O ensino das artes: construindo caminhos. 3ª edição, Campinas: Papyrus, 2001.
- FIORI, Ernani Maria. Aprender a dizer a sua palavra. (Prefácio). In: FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. Conscientização: Teoria e prática da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3ª ed.; São Paulo: Centauro, 2006.
- _____. Conscientização: Teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- _____. Educação e mudança. 30ª ed.; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- _____. Extensão ou Comunicação? 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983b.
- _____. Papel da educação na humanização. Revista da FAEEBA, Salvador, n. 7, p. 9-17, jan./jun. 1997b.
- _____. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- _____. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 2003
- _____. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos 1.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GANDIN, Danilo. Planejamento como pratica educativa. 8º ed. São Paulo: Edições Loyola. 1995.

KANT, Immanuel. A metafísica dos costumes. Tradução Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2003.

_____. Crítica da Faculdade do juízo. Trad. Valerio Rohden e António Marques. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. Fundamentação da metafísica dos costumes. Tradução Lourival de Queiroz Henkel. Rio de Janeiro: Ediouro, 1991.

_____. *Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento?* Trad. de Luiz Paulo Rouanet. Brasília: Casa das musas, 2008.

_____. Sobre a pedagogia. Trad. Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Unimep, 2004.

LIBANEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

MACHADO, Rita de Cássia de Fraga. Autonomia. In.: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PINHEIRO, Celso de Moraes. Kant e a educação: reflexões filosóficas. Caxias do Sul: Educs, 2007.

PHILONENKO, Alexis. Kant et le problem de l'éducation. In: KANT, I. Réflexions sur l'éducation. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1966. Introdução, p. 9-66.

QUINCEY, Thomas de. Os últimos dias de Immanuel Kant. Rio de Janeiro, Editora Forense, 1989.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. História da Filosofia: patrística e escolástica. V.2. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Marcela Calixto dos. A Concepção de Experiência e Educação em John Dewey. 2011. 100 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

SAVIANI, Demerval. Pedagogia Histórico Crítica: primeiras aproximações. 5ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1995.

SCHOPKE, Regina. Dicionário filosófico: conceitos fundamentais. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SOUZA, I. R. L.; MAGALHÃES, H. P. de. Intersecções entre culturas midiáticas e cibercultura e game cultura. Revista Cultura Midiática, ano 01, n. 01, julh/dez 2008.

TIBA, Içami. Ensinar aprendendo: como superar os desafios do relacionamento professor aluno em tempos de globalização. São Paulo: editora gente, 1998.

VASCONCELOS, Maria Lucia Marcondes Carvalho & BRITO, Regina Helena Pires de. Conceitos de educação em Paulo Freire. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.